

Pto
D.
Ru
P

23126



O Gaiato

29 DE JULHO DE 1967
ANO XXIV — N.º 610 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA FUNDADOR: Padre Américo VALER DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

AREIAS do Cavaco

FESTAS

Continua a preparação intensa. Ensaaios, muitos ensaios para que tudo corra bem. As duas horas de espectáculo que há-de prender, de princípio ao fim, os olhares da assistência são fruto de muito trabalho. A Casa inteira foi mobilizada; o refeitório transformado em sala de ensaios e local de preparação dos cenários. Todos entram na Festa.

Mas não são apenas os de dentro. Ajudas preciosas estão a ser dadas pelo maestro Gama Lobo e sua esposa na preparação da parte musical e pintura de cenários. O entusiasmo cresce à medida que vão chegando pedidos de bilhetes. Já os há reservados do ano passado. Não querem ficar para o fim. Querem ouvir tudo, ver tudo mais de perto e os primeiros lugares vão sendo ocupados. Os vendedores de «O Gaiato» são portadores do interesse dos Amigos da Obra da Rua.

— «Quando é a vossa Festa? Quero estar presente».

Muitos adiam saídas para não faltarem.

Ora, depois de algum tempo de expectativa, podemos finalmente anunciar que nos apresentaremos no palco do Monumental de Benguela no próximo dia 4 de Agosto. Na semana seguinte contamos estar no Imperium do Lobito. Na mesma semana esperamos seguir para o Luso e, no regresso, será a vez de Silva Porto. Queremos preparar tudo a tempo e horas. Mas, sem a colaboração dos muitos Amigos das terras por onde passamos, pouco ou nada podemos fazer. Contamos com eles. O ano passado prometemos ir à Ganda, ao Cubal. Será possível cumprir este ano a promessa? Esperamos que sim. O problema do transporte aflige-nos, mas, com certeza também este será resolvido.

Nova Lisboa, onde a Casa do Gaiato conta tantos Amigos, ficará para uma segunda etapa, bem como Sá da Bandeira. A Novo Redondo, se nos abrirem as portas como no ano passado, iremos também este ano. Agosto e Setembro serão para estas andanças. Vamos a toda a parte carregados com o peso da nova Aldeia. Não queremos levá-lo sozinho.

Continua na terceira página



AO ALTO, NO DEPÓSITO DA AGUA, DAMOS COM OS OLHOS NA BELA CASA-MÃE DE BENGUELA.



Agu Lisboa

Há incoerências na vida do dia a dia que nos deixam estremeçados. Passamos os olhos pelos jornais e pasmamos. A confusão de valores e a arbitrariedade parecem ter assentado arraiais mesmo nos sectores considerados mais sãos da sociedade. O desejo de novidade faz esquecer ou pretende colocar no cesto dos papéis aquilo que era de ontem só por ser de ontem, considerando botas de elástico, aqueles que resistem a mudar de ideias como quem muda de camisa. Fala-se e discute-se doutoralmente, «ex-catedra», de tudo e de todos os assuntos, sem aflorar ao de leve um sequer.

Os periódicos da última semana deram relevo à morte de determinada artista de cinema, cuja vida foi um escândalo, dando-se ao luxo de ocupar os lugares de mais destaque, com fotografias enormes a acompanhar as descrições de misérias que deveriam, em nome do decoro e por respeito aos mortos, ficar no esquecimento. Pois tudo o que de sensual havia na vida das «estrelas» veio a lume, numa exploração lucrativa do sensacional e daquilo que não é válido como exemplo a apresentar aos jovens e até aos adultos. Poucos dias antes, todavia, o espaço reservado e o relevo atribuído à morte de Alguém que foi gente de teres e haveres na nossa terra, despojando-se já em vida em favor dos pobres e humildes da sua aldeia natal e dando provas da maior altura moral, de pouca importância, relativamente, foi alvo. É triste dizê-lo, mas nem por isso deixa de ser verdade: dá-se mais projecção a quem quase se despe na via pública do que aos que labutam e trabalham numa vida pelo bem dos seus irmãos, nos gabinetes ou nos laboratórios, na cultura ou na verdadeira arte, na disseminação do bem ou no sacrifício físico ou moral em vista do bem comum.

CONTINUA NA SEGUNDA PÁG.

MALANJE

E se te disser que ando um pouco aflito e com pressa de acabar a casa para 60 porque muitos esperam a hora!? Muitos que tu topas e não sabes. Teus negócios e coisas grandes não te deixam ver as pequenas: «Um que vadia, aquele com cara de fome, outro sem família». O «aquele» é da «carreira de tiro». O cabelo é capim de terra pobre e a avó já não tem força para mexer fuba. A mãe morreu. O pai, algures, talvez pessoa de «respeito», a ser convidado prás primeiras filas, com leis seguras a protegê-lo e a polícia a guardar-lhe a montra.

A hora dele depende da tua hora. E esta pode ser já. Depois de me leres, vai ter comigo. Todo o lucro desta hora abençoada te será marcado pelo Senhor, mesmo que tu não acredites.

x x x

Temos sido muito visitados. Nem sempre é só o passeio, o lanche, os barcos. Por vezes, graças, alguns saltam o muro e querem saber como vão as nossas coisas. Nunca tenham medo de saltar o muro, de

se interessarem um pouco pela nossa vida. Isso é amor e nos consola.

Há dias foi um senhor que me perguntou se o sino não tocava. «Não, custou 7 mil!, e enquanto não...» Ora o dito senhor falou numa reunião de amigos; e o sino, já pago e contente, todo se repenica.

Agora são os vitrais que não deixam passar a luz! Foram feitos no Porto. Paço de Sousa emprestou. Se alguns Santos do Porto quiserem entregar algum ao Snr. Padre Carlos, poupam-me o trabalho das tais transferências e dão uma ajuda ao Senhor na conquista destes povos para o Céu.

Também, uma querida amiga me mandou do Porto a 1.ª toalha de linho para o altar de pedra. Pedra arrancada na montanha, linho criado na horta, nossas mãos rudes — a oferecer o pão por todos.

Padre Telmo

Três Segredos

Três segredos de amor meu coração conhece:
Amar a Deus, a Vida, a Humanidade.
O restante é ilusão que esquece,
E nada o coração mais apetece
Do que amar a tudo com vontade.

Amar a Deus de corpo, sangue e coração,
É ter por Esse que morreu na cruz
Ternura, amor, piedade, compaixão...
É ter aberto e limpo o coração
Para que nasça sempre em nós Jesus!

Amar a Deus, enfim, é ter amor à morte,
Que afinal é passagem para a Vida...
Amar a Deus é ter n'Ele um suporte
Justo, bondoso, eternamente forte,
Que nos reserva uma eterna guarida.

Amar a Vida é ter pela hora apeteçida
Uma expressão de verdadeira estima.
Tal como a asa duma ave ferida,
A Vida para nós é mais que vida,
É suave brisa que refresca, anima...

Amar a Vida, amar... mas amar de verdade,
É dar tudo o que dentro em nós existe...
É ver em noite escura claridade,
Tocar a cada passo a Eternidade,
Andar sempre alegre, nunca andar triste...

Amar a Humanidade é, extravagantemente,
Amar o que, submisso, nos rodeia...
É desejar o bem a toda a gente;
É olhar a pobreza honestamente;
É nunca ter mesquinha coisa alheia...

Amar a Humanidade é amar com prazer
Tudo o que está por sob o firmamento.
É ter um fiel amigo em cada ser;
É amar toda a flor que há-de nascer;
É dar lêda alegria ao sofrimento...

Três segredos de amor meu coração conhece,
Três raízes que fundam cada ser.
O restante é ilusão que esquece,
E nada o coração mais apetece
Do que amar... amar até morrer!...

SANTOS SILVA

Cont. da PRIMEIRA página

Uma das notas que mais nos chocou a semana passada, dizemo-lo sem azedume ou agravo para ninguém, foi a que se referia, numa espécie de apelo, à existência de muitos animais à espera de alguém de confiança que deles tomassem conta. Pois nós, que somos todos os dias assediados por carta, telefone ou pessoalmente, para recebermos crianças abandonadas ou nas piores circunstâncias, que procuramos tratar os animais como tais e, mau grado um ou outro desequilíbrio dos nossos, pretendemos induzir os Rapazes a uma conduta de gente normal, estranhámos que não apareçam pessoas dispostas a receber crianças em necessidade e a tratá-las como gente. Te-

Aqui, LISBOA

mos muitos «casos» à espera de família de confiança, que deles tomem conta, já que nos é vedado material e moralmente acudir-lhes. Contudo, como um homem é um homem e um bicho é um bicho, à laia de represália, contando com a disponibilidade das Senhoras doadas à Obra, resolvemos admitir entre muros dois irmãos ribatejanos, de 2 e 4 anos, cujo pai matou a mãe e sem mais família...

x x x

Dia 16 inauguramos as novas pocilgas. É a prenda de

Lar Operário de Lamego

A saída dos rapazes antes de concluírem a aprendizagem do ofício que escolheram é, sem dúvida, a nossa principal preocupação no momento presente.

Não falta quem venha ocupar o lugar dos que vão saindo, mas o problema é bem diferente. Ter a casa cheia, serem uns ou serem outros, nestas circunstâncias, não é a mesma coisa.

A finalidade do Lar de S. Domingos é contribuir para que o rapaz, sem meios de qualquer espécie, possa aprender uma arte, ou ofício. Ora isto não se verifica, quando eles, passados uns meses de estadia aqui, abandonam a oficina onde trabalham.

A nossa preocupação é por eles, pela Obra e pelos mestres que os ensinam.

O rapaz perdeu o tempo; fez uma adaptação de vida que nada, ou quase nada lhe aproveitou; tem de voltar ao ponto de partida. A Obra por sua vez dispendeu energias e dinheiro que não tem, fez sacrifícios e empregou esforços sem ver qualquer resultado. O lugar esteve ocupado por um que não deu rendimento, possivelmente com prejuízo doutro que não foi recebido e que poderia ter lucrado. Os proprietários das oficinas certamente também se aborrecem e pode mesmo acontecer que amanhã nos digam que não, quando lhe pedirmos para receber outro.

Compreendemos que algumas vezes surjam motivos que forcem um rapaz a sair da aprendizagem, mas ultimamente foram quatro sem razão es-

pecial. O pensamento de que este estado de coisas continuaria assim, trouxe-nos a tentação de fechar as portas. Para vencer o desânimo tivemos necessidade de fazer um balanço ao primeiro ano de trabalho. Só ficámos mais tranquilos quando verificámos que dois já estavam a trabalhar por conta própria, e isto não teria acontecido se não fosse o Lar. Lembrámos então o sentir de Pai Américo que afirmava o valor imenso da Obra da Rua se conseguisse salvar um só gaiato.

Queremos, todavia, estudar o processo que permita maior rendimento da Obra.

Uma das quatro condições para admitir alguém, é que haja uma pessoa, além da família, que se interesse pelo rapaz. É verdade que inicialmente esta exigência não previa os casos que hoje apontamos. Verificamos, porém, que é de absoluta necessidade haver alguém que tome o compro-

misso de juntar os seus esforços aos nossos para que o rapaz não abandone, sem mais nem menos, o ofício que começou a aprender. Há dias apareceu um que desejava especializar-se em determinado trabalho, cujas oficinas ficavam longe daqui. Pedimos informações e soubemos que a deslocação custaria 30\$ por dia. Estávamos dispostos a gastar aquela importância em favor do rapaz quando nos lembrámos das desistências. Não demos o caso por arrumado e mandámos chamar uma pessoa que vivia de perto com a família. Expôs-se-lhe o assunto e pediram-se compromissos. Parece que tudo ficou no seu lugar. O nosso desejo é facilitar e simplificar o mais possível a admissão dos habitantes do Lar, mas os diferentes casos que nos vão passando pelas mãos obrigam-nos a algumas exigências.

Padre Duarte



No dia da homenagem à nossa Mãe da Terra, não sei porquê, veio-me à ideia, o seguinte, que passo a expor neste modesto artigo, onde conto tudo o que me vai na alma. Se eu conseguisse dos nossos Amigos 2.000 escudos, levaria as tecedeiras a Fátima este ano do cinquentenário das aparições de Nossa Senhora em terras de Portugal, depondo aos pés da Virgem, nossa Mãe do Céu, as nossas orações, lágrimas, trabalhos e alegrias. Orando também pelos nossos Amigos, que com as suas encomendas e donativos, continuam a ter esta Obra em pé. Desde que me decidi a tomar conta deste Centro, apelo nenhum ficou sem resposta na volta do correio. Espero pois pelas vossas migalhas, para podermos proporcionar às nossas tecedeiras um pouco de alegria, que também é caridade. Se realizarmos este desejo, lá estaremos nos 3 primeiros dias de Setembro, e todas as intenções dos nossos Amigos conosco.

x x x

Da Tipografia pedem trabalho aos nossos Amigos. Aqui deixamos expressa a necessidade de nos serem enviadas encomendas.

Padre Luiz

Encomendas enviadas: Agueda 3 chales. Vila de Rei,

uma manta em tiras de pano; diz assim a carta: «Recebi a encomenda que mandei fazer aí. Está muito engraçada; estou satisfeita com o trabalho e felicito a tecedeira». Lisboa, 1 chale. Paço de Arcos, 2 camisas de noite. Elvas, 20 chales. Viseu, 4 chales. Lisboa, 3 chales. Oliveira de Azemeis, 3 chales. Alfandega da Fé, 2 chales. Castelo Branco, 2 chales. Lisboa, 2 chales e uma colcha de berço. Temos algumas colchas e mantas feitas. Portalegre, 6 chales para bebé. Santarém, 14 chales. Lisboa, 1 capa. Oliveira do Mondego, 2; camisolas. Ilhavo, duas mantas, 1 chale e uma camisola. Viseu, mais 4 chales. Caramulo, 2 camisas de noite. Vila Moreira, 3 chales. Lisboa, 1 chale, «que muito me agradou», dizia depois a interessada. Atouguia da Baleia, 1 manta, 1 chale e duas sacas de guardanapos. Da Tabacaria Lusa, do Porto, «7 chales para pessoas amigas, e não fica por aqui», diz a carta. Destes entusiasmos, é que a gente precisa. De Lisboa, uma carta diz assim: «Mande-me 1 chale em bico, que tanto tenho ouvido falar neles». Pudera, eles são bonitos e ficam tão bem às Senhoras!

Donativos: 20\$+50\$+60\$+20\$+100\$ e os mensais que nunca faltam.

Maria Augusta,



Os nossos livros

Enquanto o «Ovo de Colombo» não for prá rua — estamos já na última fase, graças a Deus! — vamos mas é saboreando depoimentos salutares de gente que se interessa em cheio pelas nossas edições.

A opinião do leitor!...

E não há nada, tão pouco ninguém que saiba exprimir melhor que o próprio leitor. Vamos a eles, que são às rimas.

A primeira carta é do Brasil, estado de Guanabara. O Fogo da «Obra da Rua» sopra em todos os quadrantes! Ei-la:

«Em resposta à m/ ct. recebi há dias (só agora posso acusar) os livros da OBRA. Mui-tíssimo obrigado.

Não tenho nenhuma palavra a acrescentar ao que já tem sido dito e escrito. Tenho no entanto, caso aceitem é claro, uma sugestão a fazer, penso eu. Deveriam à guisa de semente, oferecer, como prémio, a todos que se formassem, durante uns 4 anos seguidos por exemplo: médicos, professores, dentistas, economistas, engenhei-

ros, militares, etc. etc., esses livros, como complemento indispensável (uma espécie de Bíblia) à formação moral da nova geração. Estou certo de que, em muito menos tempo do que podem imaginar, o resultado desse trabalho seria bastante significativo tanto no plano financeiro como e principalmente no espiritual.

Penso mesmo, que aí em Portugal (sou brasileiro) ainda existam milhões de pessoas que desconhecem por completo o verdadeiro significado dessa portentosa Obra e para isso nada melhor que pôr em prática o sugerido. Talvez digam: «Mas serão centenas de livros a distribuir todos os anos. Mas não se esqueçam da ressonância que tal efeito surtirá, pois o campo de alcance social atingido é mais evoluído e portanto em condições especiais para influir como uma sacudidela (desculpem a expressão) aos omissos, indiferentes e até aos negligentes, pois terão que se movimentar, porque a sua consciência ficará pesada».

Tomámos boa nota da sugestão, que demonstra quanto nos ama e, sobretudo, quanto deseja o mundo melhor.

Agora, abramos os olhos e os ouvidos para escutar uma portuense:

«Devo dizer-vos que o livro é dos mais interessantes... dando uma clara ideia da Obra. O autor, esse, fala por si, no mínimo dos seus escritos. A apresentação gráfica também é muito atraente.

As bênçãos de Deus serão sempre com a «Obra da Rua», na medida em que a Obra é fiel à pureza do ideal cristão. Nem por um momento devemos esquecer que «Deus é só para aqueles que O esperam na verdade e na justiça...»

Segue-se uma legenda, de Malta — Vila do Conde:

«Queridos Gaiatos:

O que hoje faço, já devia tê-lo feito há mais tempo: acusar a recepção do «Pão dos Pobres». Envio-vos 50 escudos e digo-vos que ninguém devia deixar de obter tão grande remédio para a alma».

E vamos do Norte para o Sul, até à capital:

«Há dias registei em vale a importância de duzentos escudos e peço desculpa de não ter sido como eu já tinha mandado dizer. A razão foi por doença, pois tive de fazer uma pequena operação a um sinal que tinha na cara.

É uma pequena lembrança, em virtude de não me terem mandado dizer a importância dos belos livros que tiveram a gentileza de me mandar. É apenas lembrança pois não é com pouco que se paga tão boa leitura».

Finalmente, voltamos atrás e estacionamos em S. Mamede de Infesta:

«OBRA DA RUA» — Quando dele se pretende falar, impossível encontrar palavras com sentido capaz de demonstrar ou alcandurar à escala que realmente se encontra. Só Pai Américo, com o poder fascinador da Caridade, da luz cintilantíssima da Verdade, da inequívoca Doutrina praticada, o soube elevar ao ponto mais alto — de onde lhe proveio toda a sua Fé: DEUS. Um homem privilegiado sobrenaturalmente como esse grande apóstolo, que o foi, removendo tudo e todos, continuará, apesar de há tantos anos já transposto para o além da Morte. A sua Obra assim como a sua memó-

ria, são imortais. Daí a presença contínua duma resistência avassaladora que dominará através dos tempos, como exemplo vivo, todas as gerações vindouras. Se o Mundo inteiro lêsse essa grande maravilha, inspirada na incontestável VERDADE que nele paira de lés-a-lés, e meditasse profundamente, quanto não beneficiaria a Humanidade? Casa do Gaiato, Calvário, «Famoso» — eis o brilhante testemunho, inegável, indestrutível, do bem que, num cantinho, a terra compor-

ta, porque vivem o EVANGELHO de alma e coração. «OBRA DA RUA» — fonte de consolação, um livro de conversão!»

O «Obra da Rua» fonte de consolação, um livro de conversão! O meu homónimo sabe porquê. Mas, quem não, fique a saber: Pai Américo fez e recomendou a todos o mesmo: «Escrevam como quem reza». Aqui está!

Júlio Mendes

POBRES

Como tivesse de passar perto, dei um salto ao pequenino bairro do Património dos Pobres de Galegos, ali «às alminhas» como diz o povo da terra. É ainda uma Pobre, daquelas que Pai Américo lá deixou, na terra onde nasceu, e que vai recebendo o pão de cada dia e uma ajuda mensal em dinheiro. Casa pequenina, só de quarto e cozinha. Nas paredes um Crucificado, além de estampas e dois quadros de Pai Américo. Ele no meio dos seus. Como ela não o há-de bendizer, se foi o que ele mais desejou, ter no outro mundo a bênção dos Pobres.

Tem um filho anormal que a consome mais do que a doença. Esta, diz o médico que é nos pulmões e está demasiado adiantada. Mas ela faz questão que eu veja as grandes feridas abertas, que supuram todos os dias abundantemente, provocadas, diz, por duas injeções que levou. Não tem jeito de estar na cama, e são as visinhas, as mais das vezes, que lhe acodem. Assim aconteceu quando apareci, e não havia muito, tinham-na levantado do chão e posto de lavado e fresquinha no leito.

Estava bem disposta. «Dizem que o Senhor também sofreu muito», diz ela, e isso de certo modo ajuda a dor, tira-lhe o fel, como dizia Pai Américo. Aconteceu que fazia anos naquele dia, e não deixou de mo dizer, e assim mais um pouco pôde alegrar-se e a mim com o ter ido vê-la.

Eu tenho muita admiração pelos Pobres da aldeia. É gente que nunca viveu uma hora de abundância na vida; que conseguiu, às vezes, herdicamente amealhar para dar umas arrecadas à filha, vendendo os ovos duma ou duas galinhas que consegue criar debaixo da cama, com umas migalhas que o pão mal amassado deixa na gamela (como chamam à masseira), mais umas ervas apanhadas na borda dos caminhos. Gente cansada pelos anos e privações, jorneando de madrugada à noite, para viver os anos de mais saúde até criar os filhos. Estes, uma vez arrumados, não mais querem saber dos pais, ou por lembrança das horas amargas, ou, mais vulgarmente, porque vêm os filhos e os mesmos trabalhos para os sustentar, e é a história a repetir-se.

Hoje menos que ontem, porque vão rareando os jornaleiros do campo. Eu aproximo-me cheio de respeito pelos Pobres das aldeias do norte. Homens e mulheres de fé simples, às vezes supersticiosa, sem deixar de ser verdadeiramente incarnada nas suas vidas.

Hoje, já não se vê, mas não vão lá muitos anos, que os Pobres de pedir ao chegarem à porta da gente, começavam a rezar e iam-se, agradecendo a rezar. Os Pobres das aldeias do norte!

Padre José Maria



Cont. da PRIMEIRA página
Voltaremos mais leves, assim o esperamos.

x x x

Nos últimos tempos, mais que em outro momento, temos sentido e vivido esta verdade da Obra da Rua — que é uma Obra do Povo e que, cada vez com mais verdade, o Povo a faz sua.

No silêncio, cada um à sua maneira, ora em grupos, ora isoladamente, empurrados por um amor muito grande aos rapazes da rua a quem entregamos a nossa vida, vão tomando sobre seus ombros uma parte do peso que não teríamos força para aguentar. Lobito, Catumbela e Benguela, todos à uma, de mãos dadas, decidiram juntar as suas às nossas mãos para levar por diante esta empresa maravilhosa. Já podemos comer o pão mais descansados. Já podemos aumentar a quantidade dele que não falta quem o coma em nossa Casa.

Não falamos em nomes. Entregamos este assunto ao Pai

do Céu. Ele escrevê-los-á conforme Lhe pedimos, no Livro da Vida e nós gravá-los-emos em nossos corações. Há momentos soubemos que do Flamingo, do Lobito, em Festa a favor da Casa do Gaiato, hão-de vir cerca de 22 contos. E também nos disseram que mais maravilhas haveríamos de ter para contar.

Padre Manuel António

EM AGOSTO

Imperium do Lobito

dia 8 — às 21.30

Bilhetes à venda na bilheteira

Monumental de Benguela

dia 4 — às 21.30

Bilhetes à venda na bilheteira



Peditórios

Há dois anos que se não faziam cá no norte. Púlpitos um bocadinho altos (a alguns ainda desta não consegui chegar); e também o rodopio de Festas que tem sido nos últimos anos coincidente com o período habitual de os fazermos — fizeram que os não fizessemos.

Talvez por isso me suberam tão bem! Fora da época, em oportunidade em que o calor e a aproximação das férias levam as comunidades paroquiais das cidades a dividirem-se pelo fresco dos campos ou pela refrescadela de um banho de mar, nós sentimos assim mais eloquente a presença dos nossos auditó-

rios, que supriram pela intensidade de cada um a quantidade que faltava.

Em algumas igrejas fomos recebidos pelos seus responsáveis com um carinho fraterno que nos reconforta e compensa de outras portas fechadas ou abertas a medo.

«Venha todos os meses, se quiser» — me dizia um. «Venha, ao menos, duas vezes por ano» — me disse outro. Todos lamentavam que a época não fosse propícia a grandes resultados materiais. Mas não é por eles que vamos. Este bafo amigo dos nossos irmãos padres é a primeira graça e o melhor resultado de um peditório.

Em outra igreja, o seu reitor veio delicadamente trazer-nos um sobrescrito com a lembrança da Igreja. É certo que a Confraria não dispensa que lá deixemos a média habitual dos peditórios dominicais. Mas a Igreja, essa não nos deixou vir de mãos vazias do seu próprio donativo. Que saboroso ele nos foi!

Em certa paróquia da província, chamaram-nos — e com que requintes nos acolheram, a mim e aos Rapazes meus companheiros! Parece que ainda nos ficaram devendo favor! E não se tratava de delicadeza externa, mas de Caridade profunda, verdadeira! Beijo as mãos a este Pároco que, lamentando que «o contributo material não seja muito maior do que será», decerto terá pedido antes aos seus paroquianos com uma tal veemência, que o contributo foi muito além do que nós poderíamos esperar.

Depois, as notas de devoção do Povo de Deus! Só esta mostra: Acompanhando um pequenino donativo esta legenda: «Uma falta de Domingo no vosso peditório da Missa».

O tema geral deste ano foi Pai Américo. Neste Ano da Fé, sempre a Liturgia me sugeriu com tanta espontaneidade o Homem de Fé que Pai Américo foi, pela qual realizou a sua personalidade tão vigorosa e gerou uma Obra tão viva que resistiu à sua morte e até «começou» após ela, a confirmar a sua profecia. Foi uma série de domingos a recordá-lo, a revivê-lo. Que bom!

Destino dos peditórios deste ano: Casas de África.

É que os nossos padres de lá têm sempre recadinhos a pedir mais isto, ou mais aquilo... Que depois mandam mundos e fundos!!... Mas como eu já sei que não mandam nada, tenho que ir por aí fora para lhes não faltar.

Vamos a ver se com esta envergonhadela, ao menos, eles nos vão adoçar a boca com umas bananas e uns abacaxis... Serão a nossa comissão nos peditórios deste ano!



Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

OS NOSSOS POBRES — Ainda que isso custe a muito boa gente (e escandalize!...) estamos a dar combate ao velho hábito, generalizado, da esmola folclórica, isto é, dar para entreter, em vez de procurar resolver, ainda que humildemente, problemas que afligem alguns dos nossos Pobres.

Quando surgem casos agudos vamos em grupo tratar do assunto. Se não todos, quase todos os confrades. Achamos mais útil, mais fácil, mais prático — e mais cristão. Resolvemos em comunidade, junto do Pobre.

Domingo passado foi assim. No anterior, idem. São peregrinações autênticas. Não digo se melhores se piores que as outras. O certo é que vamos ao encontro de Cristo padecente. O mais actual... e palpável — se nos dispusermos a amá-lo e servi-lo.

Eramos quatro vicentinos. Um deles ainda fresco nestas lides e que, por motivos profissionais, assistiu apenas a uma das nossas reuniões. É rapaz de sangue na guelra.

A família pobre em causa já aqui fora revelada mais que uma vez. E fomos até lá porque havíamos disposto que o homem, doente, só iria trabalhar quando melhorasse. Assim tem sido. Ganha ainda uns magros escudos com a baixa. Suprimos um pouco o restante. A cunhada, idem. Com as senhas e uma nota na mão os olhos da mu-

lher riam-se! É que o nosso tesoureiro gosta pouco de contas — quando é preciso não fazer contas...

Em outra casa, domingo anterior a este, foi na mesma. O velho «Peniche» sofre muito com a mulher na cama. Esgravata pouco. E o tesoureiro insiste com energia: «Temos de dar. Temos de dar mais!» E deu-se. E damos! Não podemos torcer. O Senhor não falta. Nós é que faltamos muita vez!

O QUE RECEBEMOS: Migalhas que fazem pão. E são elas, realmente, o pão dos Pobres.

Abre a assinante 17022 com 70\$00: «Para a Conferência 40\$00 e o restante uma pequenina ajuda para uma grande necessidade, por intenção de meu querido Pai, cuja alma peço o favor para ser lembrada nas vossas orações». Que legenda encantadora!

Mais 20\$00 de uma Funcionária dos C. T. T. U., de Lourenço Marques, cuja presença é assídua desde há vários anos. Mais 100\$00 de algures. E mais 30\$00 do Funchal. E 50\$00 de um Médico muito amigo, das Caldas da Rainha. Fecha a coluna mais 40\$00 da assinante 17022.

É pouco? É muito? Demos graças a Deus.

Júlio Mendes

TRIBUNA de Coimbra

Embora com magoa, mas devo confessar que tenho andado bastante ausente da vida dos irmãos mais atribulados pela fome, pela doença ou pela miséria. A vida do padre da rua é vida de um pai de família numerosa que se sente consumir continuamente. Senão fizer violência a si mesmo acaba por se fechar exclusivamente nos seus problemas.

Valem-me as Criaditas dos Pobres que me inquietam ao telefone. A vida familiar delas é servir em casa dos seus Pobres. A sua vocação específica é servir o seu Senhor no próprio ambiente do Pobre. O telefone vai-me dando conta de algumas aflições suas que faço minhas.

Há dias foi mais uma família mergulhada pela doença da mãe e desânimo do pai. Já há muito que nos conhecemos e muitas vezes nos temos dado as mãos. São novos e têm sete filhos. Na altura ele não deu o nome para o serviço militar e só mais tarde foi dado como refractário.

Há anos que o cumpre. Ela foi sendo mãe mais vezes e foi lutando. As contas na mercearia, na padeira e na leiteira foram-se amontoando.

Ele acabou agora o seu tempo que foi longo. Regressou animado e recomeçou seu trabalho duro, mas com muita esperança de triunfar, como há muito nos promete.

Ela adoeceu gravemente e teve de ser internada. O internamento foi demorado e a saúde ficou muito abalada. Ele, com os sete filhos pequeninos, com a ausência da esposa e inquietação pela sua saúde, com o amontoado grande das dívidas, começou a baixar e a deixar-se vencer.

As Criaditas dos Pobres pediram a mão com muita aflição. Eu que geralmente tenho andado agora mais, pois este mês não temos peditórios nas igrejas, espero amanhã dar uma volta pelas ruas de Coimbra como recoveiro desta família.

x x x

O Joãozito dos olhos pretos de azeitona é agora chefe dos mais pequenitos. Ele tem nove anos e eles têm menos de sete. O seu trabalho é a limpeza das ruas e a rega dos jardins. Joãozito vem muitas vezes fazer queixa, porque eles fogem. Vai ele dar uma lata a cada um e ele mesmo tem de preparar a vassoura de mato para todos. Joãozito cansa-se, mas não desanima e não bate.

Há dias, vendo eu as flores murchas, fui queixar-me a eles e disse-lhes que as florinhas estavam com sede e assim eles não iam para a praia.

Passado um pouco passei ao lado do jardim da estrada, já bem regado e vem o Toinito de 5 anos ao meu encontro: Se pá lácio: — já tá tulo; agora os pacanitos já vão pá paia?

O Toinito venceu as barreiras que este ano andavam à minha frente e me traziam magoado e sem forças para montarmos o nosso acampamento na Praia de Mira. Já anteontem foram os 35 mais pequenos e lá os recebi de braços abertos, pois foram eles os maiores conquistadores. Gostava que estivesse, à sua chegada e haviás de os receber com a alma em festa.

Padre Horácio



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

BELÉM

FESTA DOS SENHORES PROFESSORES — No dia 4 de Junho houve uma festa, no Seminário Diocesano, em honra dos senhores Professores. As canções que nós cantámos foram ensaiadas pelo senhor Padre Coelho. Quando lá chegámos, ainda estivemos muito tempo à espera, pois começou muito tarde. Quando chegou o senhor Bispo, batemos muitas palmas. Em seguida foi uma Professora falar. Depois as meninas do Magistério cantaram as suas canções. No fim delas fomos nós. A seguir foram os Seminaristas representar uma peça sobre os designios de Deus. As últimas foram as meninas das Escolas anexas, que entoaram três bonitas canções. No fim de tudo foi o senhor Bispo falar a respeito do que tinha visto e gostou muito de tudo. Todas nós também gostámos pois foi muito bonito.

Sãozita

A COMUNHÃO DAS CRIANÇAS — Acabamos de chegar da capela de Vildemoinhos, onde houve a Primeira Comunhão das crianças.

Também foram fazer a Profissão de Fé alguns meninos e meninas. Da nossa Casa fizeram a Primeira Comunhão as duas irmãs Ita e Tita.

Foram todas vestidas de branco, umas de curto e outras de comprido. Antes de começar a missa houve umas cerimónias para as que fizeram a Profissão de Fé.

Durante a Santa Missa cantámos as orações próprias deste dia e outros cânticos. Estava a capela

cheia e comungou muita gente. Foi muito bonito ver ali aquelas meninas todas vestidas de branco, em roda do altar. No fim da Missa demos a acção de graças cantando salmos.

Fernanda

Paço de Sousa

Com o raiar desta época, vieram florir tantos sonhos belos. São as flores, são os pássaros, toda a Natureza em beleza, tudo num cativante sonho.

Os alfaiates sentem-se tão radiantes ao ouvirem o chilrear do seu canário; na tipografia o Matateu perde os seus momentos de ócio com a bicharada; o Papilo canta de satisfação ao ver o seu tão lindo passarinho poisar-lhe na mão, como que num agradecimento pelo bem que lhe tem feito!

Que belo poema é a Natureza! Realidade pura, sonho feliz, bem celestial.

José Ferreira

Visado pela

Comissão de Censura